



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
FACULDADE DE LETRAS
LETRAS-LIBRAS: LICENCIATURA**

**Milena Torres da Silva
Thais Stefane Ferreira Silva**

**(IN)ACCESSIBILIDADE COMUNICACIONAL DA PESSOA SURDA NA SAÚDE:
RELATO AUTOBIOGRÁFICO DO PARTO DE UMA MÃE SURDA E SUA
ACOMPANHANTE EM ATENDIMENTO DO SUS DE UM HOSPITAL DE MACEIÓ**

**Maceió
2023**

MILENA TORRES DA SILVA
THAIS STEFANE FERREIRA SILVA

(IN)ACESSIBILIDADE COMUNICACIONAL DA PESSOA SURDA NA SAÚDE:
RELATO AUTOBIOGRÁFICO DO PARTO DE UMA MÃE SURDA E SUA
ACOMPANHANTE EM ATENDIMENTO DO SUS DE UM HOSPITAL DE MACEIÓ

TCC apresentado à banca examinadora do Curso de Letras-Libras da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Alagoas, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Letras-Libras.

Orientadora: Profa. Dra. Ligia dos Santos Ferreira

Maceió
2023

MILENA TORRES DA SILVA
THAIS STEFANE FERREIRA SILVA

**(IN)ACESSIBILIDADE COMUNICACIONAL DA PESSOA SURDA NA SAÚDE:
RELATO AUTOBIOGRÁFICO DO PARTO DE UMA MÃE SURDA E SUA
ACOMPANHANTE EM ATENDIMENTO DO SUS DE UM HOSPITAL DE MACEIÓ**

TCC apresentado à banca examinadora do Curso de Letras-Libras da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Alagoas, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Letras-Libras.

Aprovado em: 20/06/2023

Banca Examinadora:

Orientadora: Profa. Dra. Ligia dos Santos Ferreira
(Faculdade de Letras/UFAL)

Examinadora Externa: Profa. Isabel Alvin Souza Ferreira
(Instituto Bilingue de Qualificação e Referência em Surdez/AAPPE/AL)

Examinadora Interna: Profa. Dra. Neiza de Lourdes Frederico Fumes
(Instituto de Educação Física e Esporte/UFAL)

A todas mães surdas,
acreditando que um dia o mundo será mais
acessível.

AGRADECIMENTOS

De Milena Torres da Silva

Agradeço, primeiramente, a Deus por ter me proporcionado o dom da vida e assim poder me formar; a minha professora-orientadora, Lígia Ferreira, por ter aceito orientar este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) em formato de artigo; aos meus pais, Elizabeth Corrêa Torres e Jozivaldo Lourenço da Silva, e a todos familiares, por me incentivarem a nunca desistir de meus objetivos e, principalmente, a minha mãe por ter me dado tanto apoio; a todos/as colegas surdos/as do curso de Letras-Libras (FALE/UFAL) que me ensinaram a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS), através dessa troca com eles/as pude aprender a cada dia como é importante adquirir e conhecer essa língua; em especial, gostaria de agradecer a minha amiga surda Thais Stefane Ferreira da Silva, por ter me proporcionado momentos inesquecíveis no curso e por aceitar a fazer este trabalho junto comigo.

De Thais Stefane Ferreira da Silva

Primeiro, ao meu Deus pela minha vida.

Ao longo do curso, superei muitos obstáculos, mas eu sabia que era muito difícil e que eu escolhi o desafio para entrar e quebrar as barreiras para conseguir a vitória que eu consegui.

Agradeço ao meu pai por me apoiar e me incentivar dizendo que não seria fácil mas a única coisa na minha cabeça era o meu pai dizendo para não desistir.

Também agradeço a Milena por ter me ajudado e aos/as amigos que também fizeram por mim e por eles. Minha amiga Milena, agradeço a você por participar comigo no curso e fora dele, em qualquer lugar estivemos juntas mais fortes e mais unidas.

Agradeço à professora Lígia pelas correções e ensinamentos que me permitiram apresentar um melhor desempenho neste Trabalho de Conclusão do Curso (TCC), meu e da Milena, do processo da formação no curso.

**(IN)ACESSIBILIDADE COMUNICACIONAL DA PESSOA SURDA NA SAÚDE:
RELATO DO PARTO DE UMA MÃE SURDA E SUA ACOMPANHANTE EM
ATENDIMENTO DO SUS DE UM HOSPITAL DE MACEIÓ**

Milena Torres da Silva^{1*}
milena.torres@fale.ufal.br

Thais Stefane Ferreira Silva^{2**}
thais.silva@fale.ufal.br

Profa. Dra. Lígia dos Santos Ferreira^{3***}
ligia.ferreira@fale.ufal.br

Resumo: Este artigo tem como objetivos refletir sobre a importância da comunicação em Língua Brasileira de Sinais (Libras) no atendimento de saúde de parturientes surdas e evidenciar o quanto as pessoas surdas, em pleno século XXI, têm seu direito básico de comunicação violado. Como procedimento teórico-metodológico, serão apresentadas algumas discussões teóricas sobre a (in)comunicabilidade das pessoas surdas em nossa sociedade brasileira e, como efeito reflexivo, os relatos de experiências das duas estudantes do curso de Letras-Libras da Faculdade de Letras (FALE) da Universidade Federal de Alagoas (UFAL), autoras deste trabalho, uma como parturiente surda e a outra como acompanhante em ala do SUS em hospital de Maceió, no mês de maio de 2022. As etapas do atendimento constituíram fenômenos que se transformaram em objeto de pesquisa porque evidenciou o quanto vivenciaram a falta de acessibilidade comunicacional compromete o desenvolvimento emocional, psíquico e social, além de infringir os direitos fundamentais das pessoas surdas. Por isso, é imprescindível que os/as profissionais de saúde conheçam a cultura surda e a Libras, além disso, que os hospitais disponibilizem o serviço de tradução e interpretação em língua de sinais no SUS, assim como preconiza o capítulo VII, do Decreto nº 5.626/2005, garantindo o direito a um atendimento dialogado e humanizado, para evitar que a própria paciente se responsabilize em providenciar um/a TILSP para ser atendida de modo a compreender protocolos e procedimentos. Essas reflexões foram baseadas em discussões de autores/as como Quadros (1997), Santos (2006), Silva (2006), Skliar (1997; 1998), Stefanelli e Carvalho (2005), Stelling (1999), Strobel (2015), Ribeiro-Fernandes (2021) e nos documentos legais do Estado brasileiro (2002; 2005; 2013) e do estado do Piauí (2021).

Palavras-chave: Parturiente surda. Acompanhante ouvinte. Saúde materna. Libras. Acessibilidade comunicacional.

Abstract: *This article aims to reflect on the importance of communication in Brazilian Sign Language (Libras) in the health care of deaf pregnant women and to show how deaf people, in the 21st century, have their basic right to communication violated. As a theoretical-methodological procedure, some theoretical discussions about the (in)communicability of deaf people in our Brazilian society will be presented and, as a reflexive effect, the reports of*

¹Concluinte do curso de licenciatura em Letras-Libras da Faculdade de Letras (FALE) da Universidade Federal de Alagoas (UFAL), ouvinte.

^{2**} Concluinte do curso de licenciatura em Letras-Libras da FALE/UFAL, surda.

^{3***} Professora Associada 1 do curso de Letras-Libras da FALE/UFAL, ouvinte, orientadora deste TCC.

experiences of the two students of the Language-Libras course (FALE/UFAL), authors of this work, one as a deaf parturient and the other as a companion in a SUS ward at a hospital in Maceió, in May 2022. The stages of care constituted phenomena that became the object of research because it evidenced how much they experienced the lack of accessibility communication compromises emotional, psychic and social development, in addition to infringing the fundamental rights of deaf people. Therefore, it is imperative that health professionals know the deaf culture and Libras, in addition, that hospitals provide the service of translation and interpretation in sign language in the SUS, as recommended in Chapter VII of Decree No. 5,626/2005, guaranteeing the right to a dialogued and humanized care, to prevent the patient herself from taking responsibility for providing a TILSP to be attended in order to understand protocols and procedures. These reflections were based on discussions by authors such as Quadros (1997), Santos (2006), Silva (2006), Skliar (1997; 1998), Stefanelli and Carvalho (2005), Stelling (1999), Strobel (2015), Ribeiro-Fernandes (2021) and in the legal documents of the Brazilian State (2002; 2005; 2013) and of the State of Piauí (2021).

Keywords: *Deaf parturient. Hearing companion. Maternal health. Libras. Communication accessibility.*

Introdução

O interesse pelo tema deste trabalho surgiu quando nos deparamos com a falta de acessibilidade comunicacional em Língua Brasileira de Sinais (Libras) para parturientes surdas em ala do SUS em um hospital da cidade de Maceió, no estado de Alagoas.

Somos graduandas do curso de Letras-Libras: Licenciatura da Universidade Federal de Alagoas (UFAL). Como a parturiente surda, começo primeiro a me apresentar: meu nome é Thais Stefane Ferreira Silva, tenho 29 anos de idade, sou surda de forma natural, em decorrência de uma característica hereditária em minha família. Sou mãe de duas filhas, ambas ouvintes, e estou esperando mais um bebê, também carregando-o em meu ventre. Sempre me envolvi com os projetos da Universidade, participei de um projeto do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC), fui professora no Programa Casas de Cultura no Campus (CCC), e essa experiência foi extremamente benéfica para o meu desenvolvimento acadêmico, aprendizado e convivência. Tenho a felicidade de contar com o apoio de amigos/as, tanto surdos/as como ouvintes, que me auxiliam nas tarefas e em outros aspectos, o que torna o ambiente acadêmico mais acolhedor e propício à busca pelo conhecimento. Acredito que o ensino de Libras vai além do foco em disciplinas escolares e docentes. É uma ferramenta essencial para disseminar a acessibilidade em nossa sociedade, dentre os vários locais que precisam garantir a acessibilidade, destaco os hospitais, pacientes surdos/as muitas vezes enfrentam barreiras na comunicação com os/as profissionais de saúde, sendo fundamental que esses ambientes ofereçam acesso à comunicação em Libras, o que proporciona maior independência e conforto para nós, pessoas surdas. Vejo a importância de

expandir o ensino de Libras para todos os setores, incluindo órgãos públicos como a polícia, bombeiros e estabelecimentos comerciais, dessa forma, a comunicação se torna mais inclusiva e possibilita que surdos/as sejam compreendidos/as e possam se expressar em diversas situações do cotidiano. Minha jornada na graduação em Letras-Libras tem sido repleta de desafios e conquistas, e sinto-me honrada em poder contribuir para a construção de um mundo mais inclusivo e acessível para todos/as. Com perseverança e o apoio daqueles/as ao meu redor, tenho certeza de que continuarei trilhando um caminho de aprendizado e superação. Agora, a coautora deste trabalho, Milena, irá se apresentar.

Meu nome é Milena Torres da Silva (acompanhante ouvinte e fluente em libras), tenho 28 anos de idade, sou formada em curso técnico de enfermagem e um dos meus objetivos ao entrar na Universidade era participar de projetos, envolvi-me no Programa de Educação Tutorial dos cursos de Letras (PET) e fui monitora da disciplina de Literatura Surda. Durante minha trajetória, descobri um universo fascinante que me transformou profundamente, a minha busca por conhecimento e a fluência em Libras mudou minha vida para sempre. Ao ingressar no curso de Letras-Libras descobri um mundo de possibilidades, estava muito animada em poder aprender a me comunicar com os/as surdos/as. Tudo começou quando me deparei com a graduação em Libras, no qual descobri uma nova dimensão no mundo a minha volta, decidi embarcar nessa jornada, animada pela possibilidade de me comunicar com surdos e surdas de forma mais autêntica e significativa. Com determinação, mergulhei nos estudos da língua brasileira de sinais, aprendi a respeitar a riqueza e a complexidade da comunicação visuoespacial. Cada sinal ganhava vida e significado, enquanto eu me esforçava para ser cada vez mais fluente e capaz de transmitir minhas emoções. Ao entrar em contato com amigos/as surdos/as, encontrei um espaço de troca e aprendizado mútuo. Essas amizades genuínas me permitiram enxergar além das barreiras impostas pela audição e conhecer de perto a cultura e a comunidade surdas. Foi uma jornada repleta de desafios, mas também de sorrisos compartilhados e conexões profundas, minha caminhada com a Libras também teve suas dificuldades, a superação das barreiras de comunicação e a luta contra o preconceito e a falta de acessibilidade se tornaram parte da minha jornada. No entanto, esses desafios me tornaram mais resiliente e determinada a promover a inclusão e a igualdade. Como técnica de enfermagem fluente em Libras e futura professora de Libras, pude testemunhar em minha carreira o impacto positivo da comunicação inclusiva na vida da minha amiga Thais, a capacidade de estabelecer uma conexão genuína e compreensiva trouxe conforto e cuidado, tornando-me parte dessa história de superação. Minha jornada com a Libras está longe de terminar, cada dia é uma oportunidade para aprender mais, aprimorar minhas habilidades e

expandir meu papel como ponte entre mundos. A comunicação é uma busca constante pela excelência e pela empatia, olhando para trás, sinto gratidão por ter me permitido mergulhar no universo da Libras. Essa jornada me ensinou a valorizar a diversidade, a importância da comunicação inclusiva e a riqueza das conexões humanas. Através do domínio da Libras posso afirmar que sou uma ouvinte atenta, acolhendo a todos/as com o mesmo respeito e carinho, espero que esse relato de experiência inspire outros/as a abraçarem a inclusão e a tornarem o mundo um lugar mais acessível e compassivo para todos/as.

Assim sendo, quando carregamos um ser dentro de nós, alguns questionamentos permeiam nossas mentes e, em um momento como esse, as informações são essenciais para que não fiquemos tão ansiosas pela chegada de um/a bebê que ainda não o/a vimos. Por isso, esse primeiro encontro é esperado como um momento que possa ser mais tranquilo e prazeroso possível. Algumas mães declaram que esse momento é mágico, cheio de emoções e de intensa alegria, mas será que isso acontece com todas elas?

A Constituição Federal de 1988 relata que todo/a cidadão/ã tem direito à saúde, sendo assim, é dever do Estado prestar um serviço de saúde pública e de qualidade para todos/as, a prevenção garante o bem-estar dos/as pacientes, o qual reduz o tempo de internação e tratamento. A segurança do/a paciente é um dos grandes desafios na área da saúde, pois o principal objetivo dos estabelecimentos de saúde, incluindo hospitais, é minimizar danos e riscos. Certamente, dependerá de uma comunicação efetiva da equipe multidisciplinar do hospital que tem como objetivo principal a segurança e a qualidade no atendimento. Pensando nisso, o conjunto de medidas para garantir uma assistência segura está pautado no seguimento de protocolos e na comunicação objetiva entre os/as profissionais da saúde, de modo a minimizar erros médicos (OLINO *et al.*, 2019; SANTOS *et al.*, 2017), assim como a boa comunicação entre esses/as profissionais e os/as pacientes.

A comunicação da equipe multidisciplinar é entendida como um fator decisivo para a qualidade do cuidado e da segurança de todo mundo. A falha e a falta de comunicação entre especialistas e os/as pacientes acarretam desentendimentos, ocorrências de eventos adversos e a redução da qualidade da assistência.

Desde quando a mulher descobre a gravidez, ela é aconselhada a fazer o pré-natal, que tem por finalidade promover a saúde da mãe durante a gestação. Uma comunicação que possibilite o entendimento da mãe acerca dos procedimentos e ocorrências durante a gestação, garante a tranquilidade, o bem-estar físico e emocional ao longo de todo o processo, até o conhecimento das informações precisas acerca da evolução da gestação e do trabalho de parto.

O atendimento do pré-natal adequado na atenção básica não apenas reduz complicações durante a gestação, mas também facilita o trabalho da equipe profissional na sala de parto, reduzindo, assim, os riscos de infecções e os partos iminentes. Além da observação da saúde no pré-natal com a carteira da gestante, atentando para a imunização contra diversas infecções, inclusive o tétano. O pré-natal é um procedimento que pode ser realizado com total confiança por médicos/as e enfermeiras/os, com padrão de alta qualidade (RODRIGUES; NASCIMENTO; ARAUJO, 2011). Um dos seus principais objetivos é acolher a mulher, mas de qual mulher estamos falando?

A mulher surda, inúmeras vezes, é deixada de lado pelo “simples” fato da falta de comunicação em Libras nos espaços de atendimento de saúde. As gestantes surdas vivenciam um *déficit* na comunicação com os/as profissionais de saúde, gerando frustrações, desentendimentos, falhas e interrupções dos tratamentos que podem influenciar no período gestacional, impossibilitando uma assistência adequada pelo inadmissível despreparo dos/as profissionais para lidar com esse público, dificultando o processo de interação, por conseguinte, de entendimento dos dois lados. A falta do conhecimento da Libras no atendimento promove grandes lacunas no cuidado, possibilitando a probabilidade do aumento de uma interpretação errada de informações.

Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE), 5% da população do Brasil é surda, aproximadamente 10 milhões de pessoas, se por hipótese cinco milhões dessas pessoas forem mulheres surdas, como elas serão atendidas caso venham a engravidar e precisarem recorrer ao sistema público e privado de saúde de nosso país? Os/As profissionais de saúde estão preparados/as para dar assistência a essas mulheres?

A comunicação é uma necessidade vital para os seres humanos, uma vez que eles/as são criaturas sociais que vivem em um sistema de relações interativas. As trocas de mensagens, tanto verbais quanto não verbais, desempenham um papel fundamental na influência do comportamento das pessoas envolvidas nesse sistema social. Isso ocorre porque a comunicação permite que as pessoas compartilhem ideias, emoções e experiências, construindo e mantendo relacionamentos saudáveis e produtivos. (SANTOS; SHIRATORI, 2005). A importância de aprender Libras vai além de aprender mais uma língua, tem a ver com a promoção de cidadania. E, os/as profissionais da área da saúde devem ter como prioridade o conhecimento básico da língua para atender a essa grande parcela da população, que, neste trabalho, destaca as parturientes surdas.

Acessibilidade comunicacional – o mundo das pessoas surdas e as pessoas surdas no mundo

A identidade de um sujeito social é formada na interação entre a pessoa e a sociedade, a pessoa surda enquanto sujeito social, desde seu nascimento, com raríssimas exceções, enfrenta uma grave relação de comunicação entre ela e os demais sujeitos sociais. O uso da Libras pelas pessoas surdas facilita a interação social e o desenvolvimento das relações de sociabilidade. A língua é considerada um sistema social, ou seja, ela existe independentemente do indivíduo e foi criada por aqueles/as que a utilizaram anteriormente. Portanto, não podemos afirmar quem são seus/suas criadores/as de forma simples.

Quando utilizamos uma língua, não estamos apenas expressando nossos próprios pensamentos e ideias, mas também ativando uma ampla gama de significados que fazem parte da língua e da cultura em que estamos inseridos/as. Essa complexidade significa que a língua é um fenômeno social e cultural que vai além do indivíduo e sua experiência pessoal, sendo influenciada por uma série de fatores históricos, sociais e culturais. (HALL, 2006).

A identidade individual é moldada pela sociedade e não é um conceito estático, pois está em constante mudança e evolução. As identidades estáveis do passado são desarticuladas e novas articulações são formadas em sua substituição. A percepção de si mesmo/a como um ser inteiro e unificado é algo que a criança não desenvolve naturalmente a partir de seu interior, mas sim em relação aos/às outros/as. Essa construção da identidade ocorre principalmente durante a infância, por meio de negociações psíquicas complexas e inconscientes entre a criança e suas figuras parentais, formando poderosas fantasias que influenciam em sua autoimagem. A identidade individual é um conceito dinâmico e em constante transformação, sendo influenciado pela sociedade e pelas interações sociais desde os primeiros anos de vida. (HALL, 2006).

Segundo Strobel (2015, p. 23): “A semente que está sozinha, sem ademão da natureza, não cresceria, uma vez que estaria abandonada e apodrecendo”, isto é, sem o cuidado e a interação com o ambiente natural e social, a pessoa surda cresce solitária. Através do contato e convivência com a família, a criança começa a interagir com o meio social, sendo assim a família é o agente primário de socialização. É por meio da comunicação que a criança surda, assim como a criança ouvinte, consegue expressar seus sentimentos, aprendendo a se construir socio-culturalmente para a formação de uma personalidade única, transformando-se em um ser identitário, com vontades, desejos e opiniões. Para que aconteça a construção de um ser identitário, é preciso que haja a comunicação dentro do meio familiar, na escola, nos

atendimentos hospitalares, enfim, em todos os espaços de sociabilidade.

A língua utilizada pelos ouvintes comuns no Brasil é o Português, de modalidade oral-auditiva; a usada pelas pessoas surdas é a Libras, de modalidade visuoespacial ou espacial-visual. Embora possam parecer diferentes, a língua oral e a língua de sinais não são opostas, mas sim formas distintas de canalizar a transmissão e a recepção de mensagens (SKLIAR, 1998). Cada uma dessas línguas possui características únicas e pode ser mais adequada para determinadas situações de comunicação, mas ambas têm a mesma capacidade de transmitir significados e expressar pensamentos e ideias. É importante reconhecer que tanto a língua oral quanto a língua de sinais são formas válidas de comunicação e devem ser respeitadas e valorizadas.

A Libras surge como uma forma de intervenção para com a pessoa surda, sendo reconhecida como sistema linguístico, pois o processo de comunicação requer a presença de diversos elementos tais como: emissor, receptor, mensagem, canal e resposta. Esses componentes são essenciais para que haja compreensão mútua e troca de informações entre as partes envolvidas. Quando ocorre uma comunicação eficaz, as mensagens são compreendidas e compartilhadas de forma inteligível e objetiva, que pode influenciar de forma positiva no comportamento das pessoas que participam desse processo (STEFANELLI, 2005).

Os/As usuários/as de uma língua carregam suas histórias e culturas, conseqüentemente, é imprescindível que a família compreenda que é responsável pelas primeiras relações de afetos, desenvolvendo a aprendizagem, autoimagem e personalidade única das crianças, para que vivam e se adaptem ao meio social. Com o passar dos anos, a sociedade acumula conhecimentos por meio de sua língua, crenças, hábitos, costumes, regras de conduta e outras formas de expressão. A cultura, entendida como a herança transmitida de geração em geração por meio do aprendizado e convivência em grupo, é constantemente ampliada e modificada pelos indivíduos que a integram. (STROBEL, 2015).

Hall (2006) usa a expressão “a corrente sanguínea da língua”, mostrando que os/as usuários/as constroem significados e um sistema de representação identitária, lidando com os espaços em que estão inseridos/as e adquirindo experiência através do contato com outras pessoas. É por meio da comunicação que nos é permitido ter uma compreensão abrangente das diferenças que existem na sociedade, incluindo diferentes formas de comportamento, pensamento e emoção. No contexto da comunicação com pessoas surdas, a maneira como são tratadas em casa e na sua comunidade é determinante para a formação da sua autoimagem e identidade. A qualidade e o tipo de interação que essas pessoas têm em suas relações familiares podem influenciar significativamente sua autoestima e autoconfiança, é

fundamental que haja uma compreensão respeitosa das necessidades da pessoa surda, bem como uma comunicação adequada que permita expressão e o entendimento mútuos. (STELLING, 1999).

A Libras, como o sistema de signos, é uma modalidade visuoespacial ou espaço-visual. A partilha é percebida pelo olhar e a sua produção é feita com as mãos. A autora Strobel (2015, p.113), numa visão histórica, expõe que foi somente após o reconhecimento da língua de sinais e da identidade surda, impulsionados pelos Estudos Culturais, que a compreensão da construção das subjetividades surdas começou a emergir as consciências político-culturais:

Antes a história cultural dos povos surdos não era reconhecida, os sujeitos surdos eram vistos como deficientes, anormais, doentes ou marginais. Somente depois do reconhecimento da língua de sinais, das identidades surdas e na percepção da construção de subjetividades, motivada pelos Estudos Culturais, é que começaram a ganhar força as consciências político-culturais, em determinados momentos, quando a luta por posições de poder ou pela imposição de ideias revela o manifesto político-cultural dos povos surdos.

A língua de sinais é reconhecida como língua pela Linguística, possuindo naturalidade dentro do sistema linguístico legítimo, tem estrutura gramatical e complexidade, a sua importância é vital para a construção cognitiva da pessoa surda. Em relação ao processo de ensino e aprendizagem da Libras, é fundamental que as famílias aceitem essa forma de comunicação e aprendam a fazê-la juntos/as, sendo de grande importância para a identificação da pessoa surda.

O envolvimento da família nesse processo de comunicação, por meio da língua de sinais, permitirá que a pessoa surda interaja com o mundo e torne a interação mais humana, prazerosa e divertida. Além disso, essa língua, na educação informal e nas escolas, vivenciará uma realidade bilíngue de relações culturais, institucionais e sociais. Existimos em um mundo em que a língua oral é obrigatória e, portanto, caberá a todos/as os/as que dela fazem parte adaptar-se aos seus meios de comunicação, independente de suas habilidades, posto que qualquer outra forma de comunicação é considerada inferior, sendo a ela imputada a ideia de que, em comparação, a língua oral sempre se apresentará superior à língua de sinais. Tal dilema é desnecessário, pois linguistas contemporâneos, como Quadros (1997), afirmam não haver impedimentos para a coexistência das línguas orais e as de sinais em nossa sociedade.

Segundo Skliar (1997), o oralismo é frequentemente considerado como uma imposição da maioria linguística sobre a minoria surda, o que acaba limitando suas possibilidades de comunicação e integração social. A língua de sinais é vista por muitos como uma forma de comunicação alternativa para as pessoas surdas que não desenvolveram a língua oral, com

isso não participam de uma integração social, sendo silenciadas por ouvintes, pois muitas vezes não são compreendidos/as.

Apesar de relatos preconceituosos de que a surdez é fonte de limitações cognitivas e afetivas, posto que nossa sociedade ainda não está preparada culturalmente para as identidades surdas, ventando-lhes melhores condições de crescimento e consolidação na sua língua materna, conseqüentemente, da sua ampla sociabilização como ser humano capaz de se desenvolver intelectivamente⁴, o movimento social surdo tem reivindicado e conquistado espaços de acesso às instituições públicas e privadas.

De acordo com Quadros (1997), as línguas de sinais surgem por meio dos mesmos ideais e necessidades inerentes aos seres humanos de utilizarem um sistema linguístico para expressar ideias, sentimentos, pensamentos e ações. Como a aquisição da língua oral/falada é de difícil compreensão para as pessoas surdas, a língua de sinais surge como uma forma alternativa de comunicação que possibilita a participação plena e integrada no convívio social.

Pela Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, a Libras é reconhecida como a segunda língua oficial do Brasil, sendo a forma de comunicação e expressão da pessoa surda. A Libras é uma forma de garantir a manutenção da identidade surda, contribuindo para a valorização e reconhecimento cultural da comunidade surda, percebendo a importância de sua utilização. Santos (1949, p. 8) destaca que o “estudo da cultura contribui no combate a preconceitos, oferecendo uma plataforma firme para o respeito e a dignidade nas relações humanas”.

A análise da cultura pode ser uma ferramenta valiosa no enfrentamento de preconceitos, ao fornecer uma base sólida para promover o respeito e a dignidade nas interações humanas. Como um projeto societário, é comum na nossa sociedade, inclusive nos espaços educacionais, encontrar pessoas que não se preocupam com a inclusão dessa população. É fato que esse problema pode ser atribuído, em parte, à falta de conscientização sobre as possibilidades existentes para com as pessoas surdas desde o seu nascimento. Elas crescem em uma sociedade que as faz sentir incapazes de alcançar seus objetivos, muitas vezes, suas famílias, que na maioria é de ouvintes, não estão preparadas para acolhê-las e ajudá-las a compreender que o mundo é cheio de oportunidades.

⁴ Assim como ocorreu em caso recente noticiado na grande mídia, de que Sônia Maria de Jesus, mulher surda e negra, de 49 anos, foi mantida por 30 anos pela família do desembargador Jorge Luiz Borga, de Santa Catarina, em situação análoga à escravidão, sem direitos básicos, inclusive o de estudar, de aprender Libras, em um estado referência do ensino dessa língua no país (Cf. Referências: Portal de Notícias Mundo Negro, 2023).

Atendimento acessível para pessoas surdas – o que diz a lei brasileira?

A Libras surgiu no século XIX, com a chegada do educador francês Ernest Huet⁵ ao Brasil, quando teve início uma mudança na abordagem educacional das pessoas surdas. Huet trouxe consigo a língua de sinais francesa, que se tornou a base para a criação da Libras. O surgimento da Libras está relacionado ao processo histórico de educação e inclusão social das pessoas surdas no Brasil. Antes do seu surgimento, as pessoas surdas eram consideradas deficientes e eram obrigadas a falar e ler lábios, numa abordagem conhecida como oralismo. Essa abordagem não levava em consideração as especificidades linguísticas e culturais da comunidade surda, o que resultava em dificuldades de comunicação e exclusão social.

A Libras começou a se desenvolver de forma autônoma, adaptando-se às necessidades e peculiaridades da comunidade surda brasileira. Com o reconhecimento da Libras como segunda língua oficial do país, deveria haver mais avanço na luta pela inclusão social de pessoas surdas, permitindo uma visibilidade e valorização da língua e cultura surdas.

De acordo com Strobel (2015, p.118),

[...] o desafio para o povo surdo é construir uma nova história cultural, com reconhecimento e o respeito das diferenças, valorização da língua, a emancipação dos sujeitos surdos de todas as formas de opressão ouvintistas⁶ e seu livre desenvolvimento espontâneo de identidade cultural!

Para as pessoas surdas, é necessário superar o desafio de criar uma nova história cultural que valorize sua língua e identidade cultural, e que combata a opressão ouvintista. Isso envolve o reconhecimento e respeito às diferenças, bem como a possibilidade de um desenvolvimento livre e espontâneo, aprender Libras é respeitar a pessoa surda e saber/conhecer seus direitos como participante da sociedade.

A Lei nº 11.108, sancionada em 7 de abril de 2005, dispõe sobre a participação de acompanhante durante o trabalho de parto, parto e pós-parto imediato⁷ nos hospitais do Sistema Único de Saúde (SUS) e conveniados com o SUS. De acordo com a lei, toda

⁵ Ernest Huet foi um educador francês que veio ao Brasil em 1855, a convite do Imperador D. Pedro II, para fundar o Imperial Instituto de Surdos-Mudos, hoje Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES). Huet foi o primeiro diretor do INES e é considerado o pai da educação de surdos no Brasil. Ele entendia que a língua de sinais era natural para as pessoas surdas e que deveria ser usada como língua materna e meio de ensino.

⁶ Ouvintista, segundo Skilar (1998b, p. 15), “é um conjunto de representações dos ouvintes, a partir do qual o surdo está obrigado a olhar-se e narrar-se como se fosse ouvinte”.

⁷ Tratando-se de Nordeste, no estado do Piauí, foi recentemente sancionada a Lei nº 7.588/2021, que garante às mulheres surdas o direito à presença de um intérprete de Libras durante o trabalho de parto, parto e pós-parto imediato em hospitais, maternidades e estabelecimentos similares tanto na rede pública quanto privada de Piauí. O projeto de lei, de autoria da deputada estadual Lucy Soares, foi apresentado no início de 2021 e aprovado pela Assembleia Legislativa desse estado.

parturiente tem o direito a um acompanhante de sua escolha durante o trabalho de parto, pós-parto imediato. O acompanhante pode ser o pai da criança, um familiar ou qualquer outra pessoa indicada pela gestante, a presença do/a acompanhante tem como objetivo proporcionar maior apoio emocional e psicológico para a parturiente, além de permitir que ela tenha uma experiência mais humanizada e respeitosa durante o processo de parto e nascimento.

A Lei Federal nº 12.319, sancionada em 1º de setembro de 2010, regulamenta a profissão de Tradutor e Intérprete da Língua Brasileira de Sinais (TILS), ela determina que os órgãos públicos e as empresas concessionárias de serviços públicos devem garantir o acesso das pessoas surdas aos serviços e informações por meio da disponibilização de serviços de tradutores/as e intérpretes de Libras.

Art. 3º Os tradutores e intérpretes de Libras, para o regular exercício da profissão, estão autorizados a entrar em todos os ambientes de trabalho de parto, parto e pós-parto imediato das maternidades e em todos os estabelecimentos hospitalares congêneres, da rede pública e privada de saúde, sempre observando as normas de segurança do ambiente hospitalar. (BRASIL).

As pessoas surdas têm direitos que, por inúmeras vezes, são desrespeitados e desconhecidos, pois a informação para essas pessoas sem a aquisição da sua língua materna se torna limitada. A pessoa surda têm o direito a acessar informações em sua língua de sinais, como notícias, informações governamentais e outros conteúdos, tem direito a um atendimento médico adequado, incluindo um/a intérprete de Libras e profissionais de saúde capacitados/as e conhecedores/as da Libras. A mulher surda tem o direito à acessibilidade comunicacional em todos os setores públicos e privados, incluindo o direito de intérpretes de Libras em seu parto e pós-parto imediato.

A Lei que garante esse direito é a Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015, conhecida como a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). O art. 18, da referida lei, dispõe sobre o fato de que a mulher com deficiência, incluindo a deficiência auditiva, tem o direito a atendimento adequado a sua condição, incluindo o direito ao/à tradutor/a e intérprete de Libras, garantindo a acessibilidade comunicacional para as mulheres surdas no processo pré-parto, na sala de parto e pós-parto.

A experiência de uma mãe surda com sua acompanhante – amiga ou intérprete de libras?

Neste momento, destacaremos os relatos da mãe surda e da acompanhante fluente em Libras. Iniciaremos pela mãe surda, contextualizando o processo gestacional e como se sentiu

ao longo dos nove meses, passando pelo pré-parto, parto, momento de encontro com a filha Liz, segunda filha, e pós-parto no hospital, ocorrido em maio de 2022:

No começo, eu, como mãe surda que precisava me comunicar com as pessoas, os/as funcionários/as e médicos/as, tudo incluindo no hospital, e que já preparei tudo antes: combinei com a minha amiga ouvinte que sabe Libras para traduzir o que uma mãe surda [parturiente] que vai se sentir bem mais confortável e satisfeita, assim como eu. E, portanto, minha amiga ouvinte foi minha acompanhante desde o momento que tive a primeira dor da contração. Eu liguei de mensagem para ela, no momento que tive a primeira dor da contração, que eu contei alguns minutos e a dor voltou, de repente, disse a Milena, que precisa ir para o hospital e na hora eu fui para o hospital e a encontrei na porta para ficar junto comigo na maternidade. Na recepção, a gente foi lá e fomos recebidas por uma funcionária que me perguntou algo que, na verdade, eu não entendia bem não, a Milena explicou tudo detalhado que eu estava com dores de contração, aí a recepcionista que me levou até a sala para ver a dilatação junto com a Milena, chegou uma médica e as alunas estagiárias. A médica veio direto em minha direção, cara a cara, quando comecei a falar que eu não escuto, a médica não me olhou mais.

Agora, relata a acompanhante ouvinte (fluyente em Libras), amiga da parturiente:

A partir daquele momento percebi que a minha amiga Thais passou a ser invisível para a equipe de profissionais que estavam conosco dentro da sala de triagem. Como conhecedora da Libras e pela convivência com pessoas surdas, fiquei muito incomodada pela forma como esses profissionais a trataram, sendo muito enfática inúmeras vezes em falar que a paciente não era eu e sim ela que estava ali querendo que pelo menos olhassem e interagissem com ela, pois isso era o mínimo que poderiam ter feito.

Quanto a esse descaso dos/as profissionais da saúde com as pessoas surdas, Sacks (1933) revela: “Ainda que jamais tenha esquecido a condição ‘médica’ dos surdos, fui então levado a vê-los sob uma luz nova, ‘étnica’, como um povo, com uma língua distinta, com sensibilidade e cultura próprias”.

É essencial uma mudança de perspectiva para reconhecer a Libras como língua natural e legítima da pessoa surda, respeitar a cultura e a identidade surdas é garantir que parturientes surdas, terão os mesmos direitos que parturientes ouvintes independente da classe social, da raça e da orientação sexual que possuem. Ao se falar de acessibilidade e humanização, a comunicação é um direito básico e deve ser garantido para todas as pessoas, independente de suas habilidades linguísticas. A parturiente surda precisa compreender os procedimentos dos/as profissionais de saúde e ser compreendida por eles/as.

Ainda sobre o duplo papel que a amiga da parturiente teve que assumir, fez com que o cuidado emocional fosse relegado a segundo plano, pois a invisibilidade ou a “espetacularização” provocada pelo desconhecimento cultural e linguístico da história da paciente, incomodou a acompanhante ouvinte (fluyente em Libras):

Me senti bastante incomodada com a circunstância, mas estava ali para tentar

amenizar a situação em que nos encontrávamos, foi nos informado que devíamos esperar para que as contrações fossem mais fortes e que havendo dilatação suficiente, possivelmente ela entraria em trabalho de parto normal. Ficamos algumas horas na sala de pré-parto, algumas técnicas entravam para conversar conosco, mas percebi que, quando se trata de uma pessoa surda no hospital, ela se torna tipo “um espetáculo”, como se fosse um ser “anormal” que não tivesse condições de instituir uma família, estudar e trabalhar. O trabalho de ser acompanhante e ter que fazer a interpretação do português para Libras foi bem cansativo, pois, percebi que acabei deixando algo escapar, se eu tivesse ali como simplesmente uma acompanhante/amiga teria dado mais apoio emocional para a Thais, percebi que não tinha só um papel a desempenhar naquele momento e sim dois por falta de acessibilidade dentro do hospital.

Pelas leis supracitadas, a parturiente tem direito a um acompanhante de sua escolha, o seu papel é de fornecer apoio emocional, físico e informacional, cujo papel é ajudar a paciente a se sentir mais segura e confortável durante o período de internação e procedimentos médicos, ajudando em atividades diárias, como alimentação, higiene pessoal e mobilidade. A presença de um/a acompanhante é essencial para garantir a segurança e o bem-estar da paciente.

Com relação aos momentos vivenciados dessa invisibilidade provocada pelas profissionais de saúde durante o pré-parto, a parturiente relata a entrada das estagiárias para monitorar as contrações:

Na hora, no momento em que teve a dor de contração aumentando, vieram as estagiárias de medicina para falar sobre a contração e dilatação, tudo incluindo, que olhei elas mas fiquei frustrada porque elas não olharam pra mim que eu estava na situação do momento. As estagiárias olharam para a minha amiga e perguntaram o que eu estava sentindo, a Milena falou tudo pra mim e o que eu acabei de falar que estava sentindo as dores da contração e elas ficaram distantes de mim e ficaram perguntando sem parar para a minha amiga. Fiquei pensando: por que elas nem olharam pra mim e nem falaram uma palavra? Uma palavra pra mim é suficiente. Mas no momento me senti invisível no meio das pessoas que não olham pra mim, que sou paciente. A minha amiga que era acompanhante tem fluência em libras para me ajudar a traduzir as falas das pessoas funcionários do hospital. Fiquei me sentindo excluída porque as pessoas souberam que eu sou surda e ficaram querendo saber como eu era, e a reação deles ao ficarem com medo de falar comigo por conta da “descomunicação” em libras.

A falta de uma língua comum entre a pessoa surda e um/a profissional ouvinte, é um grande obstáculo na relação, o que resulta em uma comunicação deficiente e prejudicial ao processo de cuidado para com a parturiente. A pessoa surda enfrenta muitos desafios nessa situação: a dificuldade na comunicação e a inacessibilidade da interação em circunstância em que a comunicação oral é entendida como essencial, o que a coloca a usuária da língua de sinais em desvantagem. Devido a essa barreira de comunicação existente entre a parturiente surda e o/a profissional ouvinte, a comunicação entre eles/as acaba inadequada e ineficaz, resultando em uma “descomunicação” como escreveu a parturiente. Esse prefixo “des” como

negação, parece muito adequado ao que sente a mulher que se prepara para dar à luz a uma vida.

Quando não há a presença de um/a tradutor/a e intérprete de Libras, os/as profissionais confundem o papel do/a acompanhante ouvinte que é fluente em Libras, mas alguém cujo papel é de apoio emocional, ao assumir o papel de intermediadora da comunicação entre a pessoa surda e aquelas pessoas que estão exercendo uma função técnica da área da saúde, e isso pode acabar se sobrepondo a individualidade e aos direitos da pessoa surda, devido ao fato da pessoa surda ser vista como dependente da presença da pessoa ouvinte, perdendo sua privacidade e autonomia na tomada de decisões. E, em muitas das situações, a pessoa ouvinte acaba tomando para si um papel que não deveria ser seu, extrapolando a mera facilitação da comunicação e se tornando juiz da vida de outra pessoa, adulta e autônoma, como uma parturiente surda.

Ainda relata a parturiente surda ao sair da sala de pré-parto em direção ao centro cirúrgico:

Saí da sala de pré-parto, fomos para o centro cirúrgico. Quando chegamos, a técnica de enfermagem começou a falar comigo, mas eu não entendia, porque ela estava usando máscara, foi uma situação desagradável. Ela me mandou trocar de roupa para ir para a sala de parto. Fiquei sentada na cadeira de rodas esperando alguém para me levar, fui levada até o centro cirúrgico e quando olhei para trás vi que a Milena não estava comigo, só a técnica que começou a falar, mas eu não entendia. Comecei a ficar angustiada e fiquei muito revoltada porque eu não entendia e nem a minha amiga estava comigo, fiquei frustrada e agoniada porque eu precisava dela. No momento em que a técnica de enfermagem veio falar comigo, comecei a desabafar, eu gritei com ela, disse que precisava da minha amiga, porque ela era a única que sabia libras para poder me comunicar. Eu perguntei: Você sabe a Libras? Mas ela não entendia o que estava falando, tentei me comunicar por gestos disse que precisava da Libras e que minha amiga sabia, percebi que ela ficou um pouco assustada e não soube se comunicar, então saiu correndo para chamar a Milena. Quando a Milena chegou, perguntei: Por que você não veio junto comigo? Ela me respondeu que a técnica disse que não podia entrar, me explicou que ela havia avisado que eu era surda e que precisava da Libras para se comunicar comigo, a mulher continuou dizendo que ela não podia entrar. Naquele momento, nós duas começamos a conversar sobre como é difícil ser surda, comentamos sobre a falta de sensibilidade e empatia da técnica que nos atendeu. Alguns minutos depois nos chamaram para a sala de parto, o médico perguntou a Milena: o que você está fazendo na sala? Ela respondeu que estava ali como acompanhante, mas que também estava para interpretar e traduzir o momento do parto, percebi que eles perguntaram se ela estava bem mesmo, porque ela iria assistir o parto desde o começo, até o fim, mas Milena falou que não tinha problema porque ela também era técnica em enfermagem. Me senti bastante segura com a minha amiga junto comigo na sala, não foi um dos melhores momentos da minha vida, mas me senti tranquila porque ela estava comigo.

Notemos que o fato da acompanhante, que agora exercia mais um papel totalizando três deles, foi de grande valia, porque o fato de ser da área da saúde a possibilitou fazer a tradução que a amiga precisava. Essa soma de habilidades nos faz refletir sobre o quanto é

necessária a atuação de TILS com formação específica na área da saúde para traduzir os procedimentos sem traumas ou constrangimentos, de modo assertivo.

Quanto ao impedimento inicial da presença da acompanhante, mesmo a lei assegurando essa presença no parto pelo SUS, faz com que reflitamos acerca da relação público e privado. Além do fato de que sem entender a língua da paciente, como fariam para saber se ela estava bem ou não? Será que se esse parto fosse particular, haveria essa proibição da presença dessa acompanhante da parturiente? A resposta bem sabemos. Ainda sobre esse aspecto, relata a acompanhante ouvinte (amiga, fluente em Libras e técnica em enfermagem):

Lembro-me que fomos direcionadas à sala de cirurgia, chegando lá, a técnica que nos atendeu me informou que eu não poderia entrar na sala com a Thais, expliquei que ela era surda e perguntei: como você vai se comunicar com ela? Nessa hora, outra técnica levou a Thais pra dentro da sala e eu não tive a oportunidade de explicar o que estava acontecendo, fiquei angustiada com aquela situação, pois, ela estava sentindo muitas contrações, todas estávamos de máscaras, nem leitura labial dava para ser feita. Fui informada que entraria só na hora que a filha dela estivesse nascendo, de novo expliquei que ela era surda e que eu precisava estar junto dela, para que os médicos e ela entendessem o que estava se passando na sala de cirurgia. Com o coração apertado, pedindo a Deus que desse tudo certo, foi quando a técnica voltou e disse que eu poderia entrar, percebi que seu semblante era de susto, me troquei rapidamente e fui me encontrar com a minha amiga, lembro-me que senti um alívio muito grande ao encontrá-la, ela me explicou que estava agoniada e disse que teve que gritar com a técnica para que ela me deixasse entrar, fomos chamadas para entrar na sala de parto, estava lá toda a equipe cirúrgica se preparando para nos receber, quando entramos na sala eles perguntaram quem eu era e o que estava fazendo ali, expliquei novamente que a Thais era surda e que estava ali para acompanhá-la e também fazer interpretação e a tradução.

A acessibilidade comunicacional dentro do hospital para as parturientes surdas na hora do pré-parto, parto e pós-parto é de extrema importância, para que haja uma inclusão mais justa e igualitária, esse desafio se estende aos/às profissionais de saúde, pois desempenham um papel crucial na promoção da saúde, permitindo a identificação e o tratamento adequado dos problemas. No entanto, a barreira de comunicação entre a pessoa surda e a pessoa ouvinte é um desafio, devido ao não conhecimento da Libras, que é a língua primária da pessoa surda. A área de maternidade do hospital público e privado não está preparada para receber e acolher mães ou futuras mães surdas, afetando negativamente a qualidade da assistência médica. Pois, no caso em tela, encontramos duas faltas graves no atendimento: 1) a inexistência de TILS no hospital; 2) o desconhecimento da Libras pelos/as profissionais de saúde que atuaram no parto relatado.

Com a entrada na sala de cirurgia, a parturiente surda relata que o corpo reagiu a esse contratempo inicial para o acompanhamento dela. Prova disso, foi o momento da aplicação da anestesia, o nervosismo da parturiente somado às dores que sentia das contrações estava impedindo que o corpo dela relaxasse:

Na hora de aplicar a anestesia, estava muito nervosa e com medo, o anestesista pediu para que subisse na maca, subi com a ajuda da minha amiga Milena, depois ela começou a traduzir, mas eu estava sentindo muitas dores e por um momento não prestei atenção no que ela estava me falando, tentaram aplicar a anestesia mas não conseguiram, estava muito nervosa, por causa das agonias que tinha passado anteriormente e também nervosa com o que poderia acontecer. A Milena percebeu e pediu para que eu ficasse calma e que ela estaria comigo e não me deixaria em nenhum momento, me senti mais confortável, ela conseguiu me acalmar e com calma começou a explicar o que eu tinha que fazer para que a anestesia fizesse efeito, graças a minha amiga consegui ter um parto acessível. Então, o anestesista pediu para a Milena interpretar para que eu ficasse sentada, com postura e com a cabeça para baixo para que ele aplicasse a anestesia, sem sucesso de novo, ele falou mais uma vez como deveria ficar e falei para a Milena que estava sentindo muita dor e por isso não estava conseguindo, ela explicou para o anestesista para que ele tivesse paciência, foi quando ele pediu para que a Milena ficasse junto de mim e me seguraram com força e foi quando conseguiram aplicar a anestesia e senti um alívio imediato.

Agora, a impressão da acompanhante ouvinte (amiga, fluente em Libras e técnica em enfermagem) sobre a situação vivenciada pela parturiente surda no momento da aplicação da anestesia:

Nesse momento, foi bastante emocionante, pois pude perceber o quanto as pessoas surdas sofrem em meio a uma sociedade que não as respeita, mas tentei ficar tranquila e calma para mostrar para Thais que estava tudo bem e que ela iria conseguir ter a bebê. O anestesista pediu para que ela subisse na maca que iria aplicar a anestesia nela para começar os procedimentos cirúrgicos; a anestesia não funcionou de primeira; percebi que a Thais estava bastante nervosa. Também, como não ficar mediante aquela situação? Eu só pedi para que ela respirasse fundo e se acalmasse, falei para ela que não sairia em momento algum do lado dela e que ela conseguiria. Expliquei de novo o que o anestesista falou e ele mais uma vez não conseguiu aplicar. Foi quando a Thais me disse que não estava aguentando mais e que estava sentindo muita dor, expliquei para o anestesista, ele pediu para que eu segurasse ela e que a acalmasse, foi quando ele conseguiu aplicar a anestesia.

A falta de compreensão que, geralmente, ocorre nos serviços de saúde faz com que as parturientes surdas não se sintam seguras em seus atendimentos, o que gera obstáculo para iniciar um diálogo. Ao estabelecer uma comunicação em Libras e fortalecer laços com essas parturientes surdas, os/as profissionais de saúde fornecem um atendimento de qualidade, igualdade, humano e inclusivo. Observa-se que a prestação de assistência à saúde para as pessoas surdas não está em conformidade com as garantias estabelecidas pelas leis vigentes. Essas garantias incluem o direito do/a paciente surdo/a de participar ativamente nas decisões relacionadas à saúde, ter acesso a informações atualizadas, relevantes e compreensíveis sobre seu diagnóstico, tratamento e prognóstico, bem como o direito de conhecer a identidade dos/as profissionais em treinamento. Além disso, é assegurado o direito de ter a atuação de um/a tradutor/a intérprete quando a sua língua não é compreendida. (OGUISSO; SCHIMIDT, 2007).

Através de uma comunicação efetiva, o/a profissional de saúde tem a capacidade de

auxiliar o/a paciente na compreensão de seus problemas, enfrentá-los, expressar sua participação na experiência e buscar alternativas para resolvê-los. É responsabilidade da equipe conhecer os mecanismos de comunicação que otimizam o desempenho de suas funções em relação ao/à paciente, bem como aprimorar o relacionamento entre os membros da equipe (SILVA, 1996).

Eis que chegou o momento do parto especificamente, e como será que ela estava se sentindo tão próxima de dar à luz à pequena Liz? Relata a parturiente surda:

Quando começou o parto, o cirurgião era mais calmo e conversava comigo e com a Milena, foi bastante atencioso, me deixando bastante calma e sempre falando para a minha amiga ficar do meu lado e, se caso estivesse sentindo algo, era para avisá-lo. Ele teve paciência e, com a ajuda da Milena traduzindo, ele explicou bem detalhado o que iria acontecer e como ele iria fazer no decorrer do parto. Ele passou algo na minha perna e perguntou se estava sentindo, mas não sentia nada, as contrações tinham passado também. Começaram os procedimentos, e a Milena não saiu do meu lado, sempre me falando o que estava acontecendo e o que eles estavam conversando, consegui ficar tranquila e me deu uma paz. Depois de alguns minutos, Milena me falou que minha filha estava nascendo, fiquei bastante ansiosa, mal podia esperar para ver o rostinho da minha princesa. Na hora que minha amiga falou que a minha bebê tinha nascido e estava chorando, fiquei muito emocionada. Quando entregaram a bebê para Milena me mostrar, não consegui conter a emoção que estava dentro de mim, eu e minha amiga começamos a chorar. Foi uma mistura de sentimentos, percebi que depois disso tinha valido a pena cada aperreio e cada agonia que tinha passado, porque agora estava vendo a minha filha, tão linda e tão saudável, foi um dos momentos mais felizes da minha vida. Depois que levaram a minha filha, Milena me explicou que eles iriam costurar a minha barriga e fiquei perguntando a ela para onde tinham levado o meu bebê, ela me disse que tinham levado para sala do lado para arrumá-la. Me senti aliviada, e grata ao mesmo tempo, por toda a ajuda da minha amiga e por minha filha ser saudável.

E como foi a sensação da acompanhante ouvinte (amiga, fluente em Libras e técnica em enfermagem) no momento do parto? Ela relata:

Naquele momento, percebi que iria passar por um dos momentos mais incríveis da minha vida. Eu já havia assistido a alguns partos de outras amigas e, como sou técnica em enfermagem, já havia vivenciado em estágios, mas esse parto era diferente, pois apesar de tudo, estávamos esperando a bebê da Thais. O cirurgião foi o mais atencioso de todos, ele conseguiu nos acalmar e, com paciência, foi falando tudo o que ele iria fazer dali por diante, pediu para que eu comunicasse a Thais que se ela sentisse alguma coisa, avisasse a ele e que ela ficasse tranquila, pois logo iria ver o rostinho da sua filha. Ele me pediu que ficasse ao lado dela e, se caso qualquer coisa acontecesse, fosse avisado imediatamente, a cirurgia começou e foi muito bom ver que a minha amiga estava mais tranquila. Depois de um tempo, pude ouvir o choro da filhinha dela e foi tão emocionante esse momento que não pude conter as minhas lágrimas, ele me entregou a bebê e mostrei pra Thais, dizendo: sua filha é linda e saudável! Lembro-me que nos emocionamos, foi uma explosão de sentimentos. Desde quando chegamos no hospital, tivemos muitos desafios em relação à comunicação com a equipe multidisciplinar do hospital, e naquele momento o sentimento foi de alegria em saber que tudo deu certo. Apesar da falta de acessibilidade, comunicação e empatia por diversas vezes, que foi bastante incômoda, levarei essa experiência junto comigo.

De todos/as profissionais que nos atenderam naquele dia, somente um cirurgião fez

contato visual e teve paciência em explicar tudo que estava acontecendo. Com essa simples atitude, ele garantiu os direitos fundamentais da pessoa surda que é a comunicação e o tratamento como pessoa humana. Sobre os motivos dessa boa relação entre pessoa ouvinte e pessoa surda, Strobel (2015, p. 137) faz a seguinte reflexão:

Os motivos para os sujeitos ouvintes decidirem conhecer e promover a cultura surda é que com isto eles podem fortalecer a imagem da marca surda na vida social, aumentar a credibilidade com relação ao povo surdo e também exaltar o relacionamento com a comunidade surda.

O pós-parto também foi muito significativo para a parturiente surda, ela relata que:

Quando terminou a cirurgia, o doutor chamou a estagiária para fazer a sutura e fechar a minha barriga, Milena nesse momento me explicou o que estava acontecendo e disse que estaria na sala ao lado para observar a Liz. Depois a gente saiu da sala de cirúrgica e foi para outro lugar, para sala de paciente, eu não sentia nada nas minhas pernas por conta que estava anestesiada, eu e Milena olhando para o berço da Liz que estava bem e saudável, mas percebemos que no momento teve um problema, estava com dificuldade de amamentar, mas estava vazando muito leite, e a Liz não quis mamar e a Milena observou que a Liz parecia que estava cheia, mas começou a querer vomitar e eu não sabia o que era, foi quando Milena me explicou que ela estava tendo refluxo porque tinha engolido resto de parto, ela chamou a enfermeira e explicou o que estava acontecendo, mas a enfermeira não acreditou, disse que isso era normal, mas minha amiga insistiu falando que não era normal, foi quando uma técnica de enfermagem veio, observou e chamou Milena para ir para o posto de enfermagem com a minha bebê, fiquei esperando por muitos minutos pelas duas e fiquei muito preocupada porque não pude ir junto com a Liz, ainda estava anestesiada, as outras enfermeiras não sabiam se comunicar comigo para explicar o que estava acontecendo, depois de algum tempo Milena voltou com Liz e explicou que a médica teve que fazer uma lavagem para tirar o resto de parto que a Liz tinha engolido, depois a minha filha conseguiu mamar tranquilamente. A comunicação com os/as profissionais de saúde só foi possível através da minha amiga Milena, pois mesmo depois da Liz ter nascido, a comunicação continuava inacessível porque as médicas, as enfermeiras e as estagiárias não sabiam Libras e nas horas da visita e de explicação, Milena tinha que continuar fazendo a tradução/interpretação para que continuasse a me comunicar e a entender o que cada uma delas falava. Ficamos três dias no hospital e não pude trocar de acompanhante porque Milena que fazia o trabalho de tradução e minha família também não sabe Libras.

A equipe multidisciplinar do hospital precisa explorar o conhecimento e a aprendizagem da Libras para apoiar a cultura surda. Precisa começar a “ver” as pessoas surdas como pessoas, em suas inteireza, sem medo de se aproximar delas ou de olhar nos olhos delas, promovendo diálogos simbólicos. Ao fazer isso, esses/as profissionais terão a oportunidade de fortalecer a presença e a representação da comunidade surda na sociedade, construindo uma maior credibilidade em relação às questões das parturientes surdas, cultivando relacionamentos significativos com as mães e futuras mães surdas.

Considerações muito iniciais sobre o que discutimos, embora haja um atraso comunicacional secular entre pessoas surdas e ouvintes

A troca de informações entre a equipe multidisciplinar de saúde e as parturientes proporciona maior eficácia e capacidade de solucionar problemas no atendimento por parte desses/as profissionais, enquanto que para as mulheres em trabalho de parto possibilita o respeito às diversas formas para a expressão de seus sentimentos e emoções.

Algumas das propostas que podem ser implementadas na área da saúde a fim de que adotem medidas de melhoramento nesse quesito é tornar a Libras um elo comunicacional importante para a prestação dos serviços públicos de saúde, promovendo a promoção da cidadania e um bom relacionamento entre médicos/as, enfermeiros/as e toda a equipe multidisciplinar de profissionais.

A contratação de TILS é imprescindível nas unidades de saúde, tornando-se essencial para garantir que as pacientes surdas parturientes ou não, enfim, para que todas as pessoas surdas tenham acesso à informação e possam se comunicar com os/as profissionais de saúde durante todo o período gestacional, transmitindo as informações necessárias de forma compreensível e objetiva.

Oferecer cursos de Libras para os/as profissionais de saúde também pode ser uma das propostas mais importantes, pois a interação com a comunidade surda fará com que entendam sobre sua cultura, vivências, histórias, conhecimento de sinais básicos e a gramática da língua, gerando um maior conforto para as pessoas surdas expressarem o que estão realmente sentindo.

Verificamos que a inclusão social das pessoas surdas é prejudicada pela falta de recursos visuais que permitam sua plena participação na vida em sociedade. Isso ocorre porque a maioria das comunicações e informações disponíveis na sociedade são transmitidas oralmente, através da fala, o que limita o acesso e a compreensão das pessoas surdas (STROBEL,2015). A disponibilidade de materiais visuais no espaço de saúde, como vídeos informativos e folhetos explicativos, podem ajudar as pacientes surdas a entenderem melhor sua condição de saúde e os tipos de tratamento disponíveis. Materiais como esses são interessantes pois podem auxiliar na compreensão da população sobre a importância da inclusão e da acessibilidade, explorando a tecnologia para esse fim haverá uma redução de barreiras de comunicação entre pessoas surdas e ouvintes.

O curso de licenciatura em Letras-Libras também tem um papel fundamental para contribuir na aprendizagem dos/as profissionais de saúde, pois proporciona uma formação

abrangente, que não se limita apenas à língua brasileira de sinais, mas também engloba aspectos culturais, históricos e sociais relacionados à comunidade surda. Isso significa que os/as profissionais de saúde que participarem de formações proporcionadas por esses/as professores/as podem contribuir de diversas maneiras para uma melhor interação com pacientes surdos/as, bem como para a inclusão e acessibilidade no ambiente de saúde, bem sabemos que o desenvolvimento de projetos voltados à acessibilidade e à expansão da aprendizagem da Libras dentro dos hospitais proporcionará discussões significativas e conhecimento amplo sobre a comunidade surda.

Faz-se mais do que necessário que pessoas ouvintes conheçam as realidades surdas, e desenvolvam estudos sobre a Libras e o mundo cultural das pessoas surdas. Mas como é visto esse mundo pelas pessoas ouvintes? Strobel (2015) faz algumas reflexões sobre essa “imagem do outro sobre a cultura surda”:

Esses questionamentos ocorrem porque as pessoas não conhecem e não sabem como é o mundo dos surdos e fazem suposições errôneas acerca do povo surdo. Quando a palavra “surdo” é mencionada, que imagens vêm à mente das pessoas? [...] os povos surdos não vivem isolados e incomunicáveis; simplesmente os sujeitos surdos têm seu modo de agir diferente do de sujeitos ouvintes.

Por falta de conhecimento e compreensão, muitas vezes as pessoas têm visões distorcidas sobre o mundo da pessoa surda. A palavra “surdo/a” pode evocar imagens estereotipadas e equivocadas na mente das pessoas, por isso, é importante destacar que a comunidade surda não vive isoladamente, na verdade, as pessoas surdas têm maneiras diferentes de se comunicar e interagir com o mundo. Temos que respeitar essas pessoas e contribuir para que elas sejam participantes do meio social e que sua língua seja propagada, respeitada e conhecida cada vez mais pela sociedade.

Porém, nenhuma dessas propostas valerá se a equipe de profissionais de saúde não se conscientizar sobre a importância da sensibilização para as necessidades e demandas das pessoas surdas, promovendo um ambiente de respeito e inclusão que auxiliará na melhoria da qualidade da comunicação entre pessoas surdas e ouvintes.

Referências

ACADEMIA de Libras. Ernest Huet – O homem que “inventou” a Libras. 23 dez. 2019. Disponível em: <https://academiadelibras.com/blog/ernest-huet/>. Acesso: 26 abr. 2023.

BRASIL. Ministério de Saúde. **Portaria nº 2.095**, 24 de setembro de 2013. Aprova Protocolos Básicos de Segurança, 2013.

BRASIL. Ministério da Educação. Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras e dá outras providências. **D.O.U.**, 25 abr. 2002.

BRASIL. Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. **D.O.U.**, 23 dez. 2005.

FONSECA, Michael. Desembargador é acusado de manter mulher negra, surda e muda em trabalho análogo à escravidão por 30 anos. **Mundo Negro** – Portal de Notícias, 12 jun. 2023. Disponível em: <https://mundonegro.inf.br/desembargador-e-acusado-de-manter-mulher-negra-surda-e-muda-em-trabalho-analogo-a-escravidao-por-30-anos/#:~:text=S%C3%B4nia%20Maria%20de%20Jesus%2C%20uma,era%20tratada%20com%20E2%80%9Cescravinha%E2%80%9D>. Acesso em: 15 jun. 2023.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guaracira Lopes Louro. Canal UFPR Tradução Libras – Fluindo Libras. Youtube. [traduzido em Libras]. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=yIvBZdH52xo>, Acesso em: 20 abr. 2023.

OLINO, L. *et al.* Comunicação efetiva para a segurança do paciente: nota de transferência e Modified Early Warning Score. **Rev. Gaúcha Enferm.**, n. 40, p. 1-9, 2019.

OGUISSO, Taka; SCHIMIDT, Maria J. O exercício da enfermagem: uma abordagem ético-legal. 2. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2007.

PIAUI. Lei nº 7.588, de 28 de setembro de 2021, que garante o direito à presença de Tradutor e Intérprete da Língua Brasileira de Sinais LIBRAS durante o trabalho de parto, parto e pós-parto imediato, nos hospitais, maternidades, casas de parto e estabelecimentos similares da rede pública e privada de saúde do estado do Piauí. Disponível em: https://sapl.al.pi.leg.br/media/sapl/public/normajuridica/2021/4822/lei_no_7.588_-_garante_o_direito_a_presenca_de_tradutor_e_interprete_da_lingua_brasileira_de_sinais_libras_durante_o_trabalho_de_parto_parto_e_pos-pa.pdf. Acesso: 26 abr. 2023.

QUADROS, Ronice M. **Educação de surdos: a aquisição da linguagem**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

RIBEIRO-FERNANDES, Cristiane Cremiude. Revisão de literatura: a lei do acompanhante – sua importância e descumprimento. **Residência Pediátrica**, v. 11, n. 2-169, p. 1-4, 2021. Disponível em: <https://cdn.publisher.gn1.link/residenciapediatrica.com.br/pdf/rp271021a04.pdf>. Acesso: 26 de abril de 2023.

RODRIGUES, E. M.; NASCIMENTO, R. G. do; ARAUJO, A. Protocolo na assistência pré-natal: ações, facilidades e dificuldades dos enfermeiros da Estratégia de Saúde da Família. **Rev. Esc. Enfer.**, USP [online], v. 45, n. 5, p. 1041-1047, 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reensp/a/tngyrVjnqyLTTzgbyp5bDc/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 17 abr. 2023.

SANTOS, Carla Cristina Viana; SHIRATORI, Kaneji. A influência da comunicação não verbal no cuidado de enfermagem, **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, 2005.

SANTOS, Doralice Ramalho Santos; ARAÚJO, Paloma Evelin; SILVA, Waldynélia dos Santos. Segurança do paciente: uma abordagem acerca da atuação da equipe de enfermagem na unidade hospitalar. **Revista Temas em Saúde**, v. 17, n. 2, p. 213-225, 2017. Disponível em: <https://temasemsaude.com/wp-content/uploads/2017/08/17217.pdf>. Acesso em: 17 abr. 2023.

SANTOS, José Luiz dos. **O que é cultura**. São Paulo: Brasiliense, 2006. (Coleção primeiros passos; 110).

SILVA Maria Julia P. **Comunicação tem remédio**: a comunicação nas relações interpessoais em saúde. 2. ed. São Paulo: Gente; 1996.

SKLIAR Carlos (Org.). **A surdez**: um olhar sobre as diferenças. Porto Alegre: Mediação, 1998.

SKLIAR, Carlos. Uma análise preliminar das variáveis que intervêm no projeto de educação bilíngue para os surdos. **Espaço Informativo Técnico Científico do INES**, Rio de Janeiro, v. 6, p. 49-57, 1997.

STEFANELLI; Maguida Costa; CARVALHO, Emília Campos de (Orgs.). A comunicação nos diferentes contextos da enfermagem. Barueri: Manole, 2005. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/173121/CARINA%20ARAKI%20DE%20FREITAS%20-%20UE%20-%20TCC.PDF?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 17 abr. 2023.

STELLING, E. P. A relação da pessoa surda com sua família. **Revista Espaço**, Rio de Janeiro, n. 11, p. 45-47, 1999. Disponível em: <https://seer.ines.gov.br/index.php/revista-espaco/article/view/289>. Acesso em: 17 abr. 2023.

STROBEL, Karin. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. 3. ed. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2015.